

Ao encontro da radicalidade do evangelho
- Que tem Francisco de Assis para nos dizer hoje? ¹

Manuela Silva

1. Introdução

É para mim um privilégio poder dirigir algumas palavras à numerosa família franciscana em Portugal, reunida aqui em Fátima, nesta data em que se celebram oitocentos anos do reconhecimento pelo Papa Inocêncio III da Regra de vida apresentada por Francisco de Assis, em nome de uma primeira, mas já numerosa, comunidade de irmãos que se reuniam à sua volta movidos pelo desejo de viverem o Evangelho na sua pureza original. Para Francisco, a Regra de Vida proposta podia sintetizar-se, como ele próprio disse, numa única frase: **Viver o Evangelho.**

Oito séculos volvidos, o que leva uma multidão de homens e mulheres, de diferentes idades, culturas e condições de vida, a deixarem-se seduzir, por este convite de Francisco: Viver o Evangelho.

Por outras palavras: Que tem Francisco de Assis para nos dizer hoje?

Nesta apresentação, procurarei abrir pistas para responder a esta interrogação.

Na minha apresentação, tentarei deixar alguns traços da personalidade de Francisco e do contexto histórico em que viveu. Procurarei, de seguida, surpreender esse ponto de viragem na vida do Cavaleiro de Assis e combatente na cidade rival de Perugia, que o leva a perceber o vazio e o absurdo da guerra e abre caminho ao seu encontro com o Cristo crucificado, encontro esse que há-de marcar, definitivamente, a orientação da sua vida na descoberta do Deus-Amor e, a esta luz, o impele a viver a radicalidade do Evangelho. Nos pontos seguintes da exposição, sublinharei alguns tópicos da espiritualidade franciscana que têm muito a dizer-nos nestes nossos conturbados tempos de mudança.

¹ Conferência proferida no âmbito da **XXXVI Peregrinação da Família Franciscana Portuguesa a Fátima** celebrando os **800 anos da aprovação da “*forma de vida franciscana*”**.

2. Uma personalidade histórica num tempo de crise (viragem do século XII para o século XIII)

Quem foi o santo que aqui nos convoca?

Sabemos que terá nascido em Assis, em 1181 ou 1182. Não se sabe precisar esta data, pois é incerto o dia exacto do seu nascimento. A Igreja celebra a data da sua morte a 3 Outubro de 1226.

Sabemos que pertencia a uma família abastada. O seu pai era grande negociante de panos, habituado a viajar fora do país. É, aliás, no regresso de uma das suas viagens ao sul de França que o pai lhe muda o nome de baptismo, João Bradarone, para Francisco. E é com o nome de Francisco de Assis, sua terra natal, que ficou para a história.

Convém recordar que a transição do século XII para o século XIII foi marcado por conflitos vários, nos quais Francisco se envolveu durante a sua juventude.

Em síntese, podemos dizer que Francisco de Assis experimentou o fervor dos combates de cavalaria em defesa da sua cidade e dos seus interesses de classe burguesa na luta contra o império assim como, posteriormente, se empenhou, fora dos campos das batalhas, em viabilizar uma sociedade mais fraterna e solidária com os mais pobres. Enfrentou a rivalidade com a cidade vizinha de Perugia e aí ficou prisioneiro durante um ano. Tomou partido nos confrontos entre o Imperador e o Papa. A Europa de então estava, literalmente, a ferro e fogo e o jovem cavaleiro corria os riscos próprios da sua época para fazer vingar os seus ideais. É próprio dos tempos de crise que os mais argutos e generosos acreditem na mudança que se anuncia como nova realidade emergente e dêem o melhor de si para a viabilizarem. Então, como agora.

Quando olhamos para a nossa época, também temos a intuição de que se anunciam tempos novos: os fundamentos do actual sistema económico de matriz capitalista ameaçam ruir, mas ainda não se afirmam alternativas credíveis. Apenas algumas experiências inovadoras, alguns sinais portadores de um futuro outro, alguns esforços para atenuar as brechas que se vão cavando.

Apesar de importantes na sua vida, não foram, porém, estas lutas que fizeram de Francisco um santo; terão, no entanto, preparado o seu espírito para se abrir à novidade da radicalidade do evangelho.

Quando Francisco encontra o leproso e o beija percebe que este sinal simbólico o colocará para sempre do lado dos excluídos e dos marginalizados e de que a sua vida

passará a ser, doravante, decidida em função da libertação dos oprimidos. Na sociedade medieval, assim como na Antiguidade e na tradição judaica, os leprosos eram gente à margem da sociedade que causava repulsa e impunha regras de intocabilidade. Isto por razões de defesa da saúde, mas também porque se associava à doença e ao sofrimento físico do leproso o seu pecado e o merecido castigo divino. Francisco, porém, vê para além da aparência e, tal como Jesus nos caminhos da Galileia, descobre no leproso a dignidade intocável de todo o ser humano. Como escreve José António Merino: *Ao assumir tudo o que havia de negativo e estranho no pobre marginalizado, redime o que de mais oculto se encontra nas zonas mais profundas da sua personalidade*². Começa neste encontro com o leproso uma etapa de conversão pessoal que levará Francisco a uma crescente identificação com Cristo, através da pobreza voluntária e do serviço junto dos mais pobres.

Esta é uma mensagem que tem toda a oportunidade nestes nossos conturbados tempos, também eles, a necessitar de combates sérios em favor dos mais pobres e destituídos de direitos humanos fundamentais. Adiante voltaremos a este tema.

3. O encontro decisivo de Francisco com o Cristo crucificado e a descoberta de Deus-Amor

A conversão não é obra de um momento, mas antes um processo em tudo semelhante a um encontro de amizade que se vai desenrolando, aprofundando e consolidando.

Na vida de Francisco, ao encontro com o leproso e o que este lhe traz de descoberta da dignidade humana segue-se uma intensa busca espiritual, a busca de sentido para a sua própria existência. É nesse estado de alma que procura o silêncio na natureza e se refugia na capela abandonada de São Damião. Aí descobre um ícone bizantino com o rosto de Cristo cuja contemplação o move ao entendimento de que Deus é Amor e nada mais é pedido ao ser humano que ser imagem viva deste Deus-Amor. Francisco encontra aqui a razão de ser da sua vida.

Acho que podemos recolher nesta etapa decisiva da vida de São Francisco importantes lições para o nosso tempo e para as nossas vidas. A primeira é que, face à agitação que é característica do estilo de vida das nossas sociedades, é preciso saber parar para sermos capazes de nos colocar a questão primordial do sentido que dou à minha vida.

² Merino, José António (2007) – São Francisco e tu. Editorial Franciscana.

A segunda lição é que importa aprender com Francisco a escutar o que Deus tem para me dizer. Deus fala-nos através dos outros e das circunstâncias, mas nem sempre estamos disponíveis para escutar a palavra e para a pôr em prática. Francisco viu no edifício da igreja de São Damião em ruínas o apelo a que o reparasse e assim procedeu. Mais tarde viria a entender que este episódio era apenas uma metáfora de um desafio maior: a necessidade de revitalização da própria Igreja dilacerada por lutas internas e sob a poderosa ameaça das heresias da época. Cristo escolhera Francisco, um leigo empenhado em viver a radicalidade do Evangelho no meio do mundo, para reconstruir a sua Igreja.

4. Actualidade da espiritualidade franciscana

Ao longo destes oito séculos foi-se aprofundando e consolidando uma certa forma de viver, uma espiritualidade com traços comuns bebidos nas fontes ou seja junto do Fundador, o que leva a criar uma corrente de espiritualidade própria dentro da Igreja.

Inspirada na radicalidade do evangelho e no empenho pessoal e colectivo em procurar viver esta radicalidade na vida quotidiana, é uma espiritualidade poliédrica que tem sabido adaptar-se a oito séculos de história e responder aos desafios próprios de cada época.

No mundo contemporâneo, creio que podemos distinguir alguns contributos do franciscanismo da maior actualidade:

- A paixão pela fraternidade universal
- A opção pelos pobres
- A vida simples e a ética do necessário
- A contemplação como modo de ser, de estar e de viver
- O anúncio do Cristo vivo e da alegria pascal

4.1 A paixão pela fraternidade universal

Vivemos num tempo em que se caminha a passos acelerados no sentido da mundialização. A economia que é a base da organização da sociedade, está cada vez mais globalizada. Desde a produção (especialização produtiva, tecnologias utilizadas, relações comerciais), aos padrões de consumo, ou às regras que presidem aos negócios.

Mas, como diz Bento XVI na sua última carta encíclica, *Caritas in veritate: a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos.*³

³ Bento XVI (2009) – A Caridade na verdade.

Ora, sem uma maior consciência de fraternidade universal, ficarão sem solução muitos dos problemas do mundo contemporâneo. O progresso tecnológico pode trazer aumento de riqueza e de rendimento, mas não dá garantia de que estes resultados se destinem a satisfazer as necessidades básicas dos seres humanos ou se repartam equitativamente.

E que dizer das movimentações de população dos países mais pobres em direcção às zonas mais prósperas, se não existir um ambiente de fraternidade à altura de as acolher, respeitar os seus direitos e providenciar as ajudas indispensáveis à sua integração?

Ou ainda, como contrariar a xenofobia que grassa em tantos ambientes, senão através de um suplemento de fraternidade universal?

Ou, também, como enfrentar as discórdias, declaradas ou latentes, que têm por base a religião ou a diversidade de culturas, se não houver uma consciência mais profunda da fraternidade universal como projecto de Deus em construção.

Francisco pode servir de exemplo, pois ele viveu apaixonadamente a fraternidade para além de todas as barreiras e foi ousado na luta contra todo o tipo de discriminação praticado no seu tempo.

4.2 A opção pelos pobres

A espiritualidade franciscana é conhecida pelo empenho posto no amor aos mais pobres, incluindo os destituídos de bens materiais, mas também os doentes, os menos válidos ou certos grupos de população particularmente vulneráveis (as crianças, os idosos, os deficientes, etc). É uma espiritualidade que exalta a partilha dos bens, partilha essa tão necessária num mundo caracterizado pela opulência e pela abundância de bens materiais a par de extensa e severa pobreza de muitos que não conseguem ter a parte que lhes é devida na mesa comum. A espiritualidade franciscana convida os seus seguidores a não fecharem os olhos a estas duras realidades do nosso tempo, numa dupla preocupação: a da partilha dos seus próprios bens com quem mais precisa e a do compromisso com a construção de caminhos de justiça e verdade na organização da economia e da sociedade. No seguimento do pobre de Assis há que não passar ao lado das necessidades dos nossos irmãos, necessidades de ajuda material mas também de companhia, de apoio moral na solidão, de conselho e apoio para encontrar sentido de vida, emprego e autonomia em meios de subsistência.

A opção pelos pobres vai, porém, mais longe do que o movimento de dar ou prestar ajuda, implica que se assuma, como nossa, a condição do pobre, a luta pelos seus direitos, a sua perspectiva de relacionamento com a sociedade. Implica, em suma, construir um mundo mais justo, tendo os pobres como destinatários principais da mudança e seus protagonistas.

4.3 O caminho da vida simples e da ética do necessário

É cada vez mais generalizada a convicção de que o actual modelo de crescimento económico é insustentável a prazo, tanto por razões de coesão social como de saúde ambiental do Planeta. Há que arrepiar caminho relativamente a um consumismo voraz e predador de recursos não renováveis, com destaque para a energia e para algumas matérias-primas.

Por outro lado, o elevado nível de consumo, que caracteriza a sociedade ocidental, é conseguido à custa de ritmos de trabalho e custos sociais em duração de transportes, segurança e outros que tornam a vida nas sociedades urbanas particularmente stressante. A realidade seria bem diferente se cada um de nós fizesse escolhas mais racionais quanto ao seu padrão de consumo e quanto à utilização que faz do seu tempo.

A espiritualidade franciscana tem abertura para liderar a indispensável e urgente mudança de atitudes e comportamentos dos nossos concidadãos e concidadãs, no sentido do maior apreço pela vida simples e para fomentar a prática da ética do necessário, através do testemunho de vida dos seus seguidores.

4.4 A contemplação como modo de ser, de estar e de viver

Conscientemente ou não, vivemos imersos numa cultura de cariz materialista, uma cultura que privilegia o ter e desconsidera o ser, que aposta na eficácia e põe de lado os menos capazes, que atafulha de coisas a existência quotidiana e não deixa tempo para o cuidado dos outros, da natureza, da relação com Deus. É uma Humanidade que vive aquém da sua sede de infinito e transcendência e, por isso, este nosso tempo é, de algum modo, um tempo triste, propício às depressões individuais e colectivas.

Em Francisco de Assis podemos encontrar o exemplo de alguém que soube enfrentar as seduções de um capitalismo nascente que fazia da ostentação e do dinheiro um objectivo. Às honras da cavalaria e à grandeza da fortuna familiar, que pareciam estar-lhe destinadas, o poverello soube contrapor o seu desejo de viver em profundidade a sua própria humanidade no seguimento de Jesus de Nazaré: escutando a sua palavra (a radicalidade do evangelho), contemplando os mistérios da sua vida, morte e ressurreição, abrindo-se à beleza da criação.

Francisco tratou todas as criaturas por irmãs (o irmão sol, a irmã água, o irmão lobo, ...), encantou-se com o canto dos pássaros, com a frescura das fontes, com a força dos ventos ou com a prodigiosa fecundidade de uma pequena semente.

E nós? Não temos que salvaguardar esta dimensão contemplativa do ser humano? Não temos que passar esta mundividência às gerações mais novas? Não temos que desenvolver a nossa capacidade de contemplação como modo de ser e de estar neste mundo dominado pela força do marketing e a ilusão da realidade virtual? Não temos que criar condições para uma vida em harmonia com o que há de mais fundo no ser humano, o seu sentido de transcendência?

4. 5 A missão do discípulo: anunciar o Cristo vivo e a alegria pascal

Por último uma referência muito breve sobre uma outra dimensão da espiritualidade franciscana que a bem dizer é o núcleo central da fé cristã.

Os que seguem a Cristo vivem dum impulso da fé no Ressuscitado, prolongam nas suas vidas o inesperado da manhã de Páscoa e a alegria de verem com os olhos da fé para além do sepulcro vazio, a vitória de Cristo e o começo do Reino por Ele anunciado. A missão do discípulo é anunciar esta boa nova: Cristo ressuscitou e está vivo no meio de nós.

Quaisquer que sejam as dificuldades, as incoerências, os absurdos do tempo presente, o crente em Jesus Cristo reconhece neles que, em gérmen, está um mundo novo em construção, o Reino de Deus e anima-o a esperança de que o Espírito Santo agirá no sentido da justiça, da verdade e da paz. Não é de mais sublinhar como é importante o testemunho desta alegria na vida quotidiana de cada cristão.

A Francisco de Assis, não faltaram contrariedades e obstáculos na sua missão, mas em todas as circunstâncias nos deixou o exemplo de um homem livre, centrado na contemplação, irradiando a alegria da novidade pascal.

3 Outubro 2009

Manuela Silva